

IMF Survey

REGIONAL ECONOMIC OUTLOOK

America Latina crescerá mais em 2013

IMF Survey online
6 de maio de 2013



Mina de cobre no Chile. A demanda externa e as condições de financiamento favoráveis contribuíram para o crescimento da região, segundo o FMI (foto: Raul Arboleda/Getty Images/Newscom)

- Crescimento na América Latina deve aumentar em 2013
- Ainda sopram ventos a favor, mas os riscos no médio prazo ainda não foram afastados
- Região deveria fortalecer as finanças públicas e proteger a estabilidade do setor financeiro

O crescimento na América Latina e no Caribe deve passar de 3% em 2012 para 3,5% em 2013, impulsionado pelo aumento da demanda externa, pelas condições de financiamento favoráveis e pelos efeitos do relaxamento da política anterior em alguns países, afirmou o FMI.

Na mais recente edição do *Regional Economic Outlook for the Western Hemisphere*, o seu relatório sobre as perspectivas econômicas da região, lançado em 6 de maio em Montevidéu, Uruguai, o FMI apontou que diminuíram os riscos externos para o panorama no curto prazo. As medidas de política tomadas na zona do euro e nos Estados Unidos eliminaram as ameaças imediatas ao crescimento da economia mundial e à estabilidade financeira, segundo o relatório.

Isso posto, nos Estados Unidos, a impossibilidade de substituir os cortes de gastos fiscais automáticos por medidas mais à frente, antes do início do próximo exercício financeiro (em outubro), afetaria o crescimento a partir do fim de 2013.

A queda do crescimento americano teria um impacto negativo na região, sobretudo no México e na América Central, onde os vínculos são mais fortes em virtude do comércio e das remessas.

Riscos crescentes

De acordo com o relatório, os riscos no médio prazo para a América Latina continuam a apresentar viés negativo. O principal deles é uma reversão dos ventos a favor que têm soprado na forma de condições de financiamento mais brandas e dos preços aquecidos das *commodities* desde 2010.

A região seria especialmente afetada se uma desaceleração acentuada na China ou em outras economias-chave desencadeasse uma queda nos preços das *commodities*.

Outro risco é que a falta de progresso na busca de soluções para os desafios fiscais no médio prazo nas principais economias avançadas acarreta um forte aumento dos prêmios de risco soberano e privados, causando um impacto negativo no crescimento da economia mundial.

Na região, o risco de uma deterioração dos balanços dos setores externo e financeiro agora é maior em alguns países, aponta o relatório.

Os saldos em conta corrente enfraqueceram nos últimos anos e os preços dos ativos estão em alta. A expansão do crédito assumiu um ritmo mais moderado, mas permanece forte em uma série de países.

Resposta aos riscos

O relatório reiterou a sua recomendação anterior de que os países da região tirassem partido da atual conjuntura econômica favorável para erguer um sólido alicerce para o crescimento sustentado no futuro. Entre as prioridades da política econômica estão construir uma margem de manobra fiscal ainda maior, melhorar os quadros de política e avançar nas reformas estruturais para aumentar a produtividade e o potencial de crescimento.

O crescimento nas economias financeiramente integradas em 2013 deve chegar a 4,25%. O FMI assinalou que, no caso desses países, a política econômica deve ter como prioridade fortalecer as finanças públicas e proteger a estabilidade do setor financeiro. O fortalecimento dos balanços no setor público ajudaria a aliviar a pressão sobre as limitações de capacidade e frearia o aumento dos déficits em conta corrente.

O crescimento nos demais exportadores de *commodities* deve subir de 3,3% em 2012 para 4,6% em 2013. Contudo, nos grandes exportadores de energia (Bolívia, Equador e Venezuela), o crescimento deve arrefecer. O FMI afirma que esses países se beneficiariam se poupassem uma parcela ainda maior das receitas das suas *commodities*.

O crescimento médio na América Central deve permanecer próximo ao seu potencial em 2013. Com vistas ao futuro, o relatório indica que seria necessário aplicar gradativamente uma política fiscal mais restritiva nesses países para reduzir os desequilíbrios externos e fiscais e assegurar a sustentabilidade da dívida.

Na maior parte do Caribe, a dívida elevada e a baixa competitividade continuarão a limitar o crescimento. Essas economias devem crescer cerca de 1,25% em 2013 (frente a 0,5% em 2012), à medida que a demanda externa vai se fortalecendo pouco a pouco. Os principais desafios para esses países praticamente não mudaram: reduzir o elevado endividamento público, controlar os desequilíbrios externos e reduzir as vulnerabilidades do setor financeiro.

O *Regional Economic Outlook* de maio de 2013 apresenta três capítulos analíticos sobre os desafios do crescimento sustentado e o fortalecimento dos balanços. Mais especificamente, os capítulos avaliam o potencial de crescimento da região, o impacto das mudanças nas condições externas sobre a dinâmica das dívidas pública e externa, e o uso da renda extraordinária derivada da recente melhoria acentuada das relações de troca.

Links relacionados

[Ler o relatório](#) (em inglês)

[Ver o vídeo](#) (em inglês)

[Perspectivas mundiais mais recentes](#) (em inglês)

[Sistema financeiro mundial](#) (em inglês)

[Investir no futuro da América Latina](#) (em inglês)